Contribuição para o estudo das affinidades do Kariri

A lingua Tupí que foi usada numa vastissima região da America Meridional, comprehendendo talvez metade da superficie actual do Brasil, largas zonas da Argentina, do Uruguay, quasi todo o Paraguay, grandes trechos da Bolivia, do Perú, da Colombia, Venezuela, Equador e Guayanas (1), exerceu funcção importantissima na difusão da civilização, nesta metade do continente, rivalisando, nesse sentido, com a lingua Kitchua, nos Andes e para além da Cordilheira. Ambas foram amplamente estudadas e certamente tiveram nos tempos coloniaes sua área de dominio ampliada pelos catechistas. Mas, mesmo antes da conquista européa, ellas exerciam uma influencia consideravel: eram o falar de povos conquistadores embora selvagens ou barbaros.

Menos afortunadas foram as linguas de outros povos do mesmo continente, conquanto algumas dellas fossem igualmente aperfeiçoadas.

A. Millet e M. Cohen, baseados nos trabalhos

(1) Referimo-nos ao grupo ou familia tupí.

de Ehrenreich e Chamberlain, classificaram as linguas da sul America e Antilhas em 77 familias. São 26, segundo aquelles autores, as familias linguisticas da norte America e 20 as da America Central. Isto parece indicar, o que é, de facto, real — o estado cahotico dos conhecimentos da linguistica desta America.

Os especialistas referidos isolaram numa unica familia o falar dos indios Kariris.

Sabemos que estes selvagens se derramavam pela quasi totalidade dos sertões do Nordeste do Brasil, do rio S. Francisco para o norte até as praias do Ceará e as vertentes orientaes do rio Parnahyba, no Piauhy.

Dominavam as costas nordestinas ao sul do Ceará e as chapadas mais septentrionaes da serra da Ibiapaba povos tupís ou tapís.

Portanto, era vastissimo o dominio dos kariris. Entretanto, o seu falar foi pouco estudado pelos catechistas que preferiam ensinar aos seus neophytos não tupís a lingua geral, agremiando-os com esses em vastos aldeiamentos mais proximos do littoral.

Contudo, as tribus Kariris não foram das menos aquinhoadas sob este aspecto.

Dois illustres missionarios se dedicaram ao estudo do idioma. O Pe Vicencio Mamiani que escreveu uma grammatica e um catechismo (1) e o frade Bernardo de Nantes que compoz um catechismo. Ambos estudaram com affinco e dedicação, abrasados de zêlo catholico. O frade Bernardo, que era francez, doutrinou durante 23 annos a

(1) Obra rarissima e preciosa. A Bibliotheca Nacional possuia até 1923, quando a consultei muitas vezes, um exemplar que, actualmente, já, lá, não existe. Desappareceu sem que os funccionarios responsaveis pela guarda dos livros possam explicar facto de tanta relevancia, visto representar para a bibliotheca irreparavel prejuizo.

tribu dos Dzubucúas; o outro, italiano, missionou os Kippéa, praticando com elles cêrca de 12 annos.

Outros «linguas» existiam de certo, mas conheciam o falar do barbaro somente para o seu uso.

Alguns delles foram consultados pelos dois compositores referidos, que ambos anseavam por fazer o melhor que lhes era permittido o seu piedoso trabalho.

Mas, esses missionarios ardorosos como os outros religiosos que, naquelles tempos, doutrinando, escreviam as «Artes da Grammatica» de linguas selvagens, como os padres Anchieta, Figueira, Montoya, Bertonio, Valdivia, Marban, Magio e alguns mais eram latinistas de profissão e certamente dados ás letras por isto mesmo que nellas se embrenharam mau grado o isolamento em que se viam, afastados dos meios cultos. Não era somente a dedicação ao seu apostolado mas uma certa parcella de amor aos estudos que os levou á composição de tantas «artes» e catechismos.

A cultura de então, quasi toda, era de caracter religioso e os estudos grammaticaes se limitavam ao latim e ao grego, linguas classicas, infinitamente differentes na sua textura dos idiomas barbaros do Novo Mundo.

A tendencia geral, porém, era no sentido de conformar melhor a syntaxe simples e primitiva destas linguas á syntaxe rebuscada daquellas. Dahi as numerosas complicações com que os pioneiros da linguistica americana eriçaram as «artes da grammatica».

Não escaparam a esta regra geral os que nos deixaram da lingua *Kariri* os monumentos que, com mais alguns documentos fragmentarios, nos dão o conhecimento do falar dos antigos habitantes do hinterland nordestino.

Os sabios modernos que se vêm occupando do estudo das linguas sul americanas têm encon-

trado sérias difficuldades na pesquisa das affinidades do Karirí com os grandes grupos mais ou menos bem definidos, nesta parte do continente.

Ehrenreich e von d. Steinen não trepidam em dizer que o *Kirirí* ou *Kariri* é uma lingua de duvidosa affinidade; Schuller, notando nella traços de semelhança com o *Sabujá*, observa que a terminação *já* faz lembrar as de *Poyá* e *Yuripujá* dos rios Negros e Mayeá que são tribus aruákekarib.

Martius classifica os Karirís no seu grupo inconsistente dos *Guck* ou *Coco*.

O esforçado e douto linguista brasileiro Dr. Baptista Caetano nota affinidades entre o *Kariri* e o *Tupí*, fazendo um confronto lexico que pouco adianta.

Nos ultimos tempos, não me consta que este idioma tenha sido objecto de estudos.

Como todas as linguas do novo continente o *Kariri* é extremamente simples.

A construcção da phrase, por ser rudimentar em todas ellas, offerece um aspecto de impressionante semelhança. As palavras são invariaveis e não ha conjugação de verbos como no tupí, e em muitas outras.

O estudo das affinidades tem que ser principalmente orientado no sentido lexicographico, attendendo-se rigorosamente a homophonia e homosemia e tambem, tanto quanto possivel, a homotaxia das palavras dos idiomas confrontantes.

Eis alguns ensaios feitos por nós, neste sentido.

Elles mostram evidentes affinidades do *Kariri* com alguns dos grandes grupos linguisticos da America do Sul, principalmente com os grupos *Tupí, Aimará, Ketchua, Karib* e *Ge*. Naturalmente,

estas affinidades estão em proporção com o tempo desde o qual os grupos se desprenderam do tronco commum (não digo primitivo).

Parece que as linguas apontadas resultam da differenciação de um mesmo idioma, falado em qualquer região da America, porém mais antigo.

Certamente, a lingua commum era extremamente rudimentar quando se deram as dispersões de que resultaram os differentes dialectos de que se originaram as linguas referidas com o evolver natural, em ambiencias diversas. Disto resulta a heterophonia apparente desses differentes idiomas.

Examinemos o seguinte grupo de palavras Kariris:

tá – pegar, firmar.
bá por *tá*—estar, ficar, pousar.
dabá—repousar: *da* por *tá*, firmar e *bá* estar.
batá – morada, pouso: a cousa onde se está.
bapé—deitar-se: estar ou ser pequeno.
bába—pegar-se, fixar-se.
barú—base.
radá—terra, chão, solo; baixo.
pá—matar.
tu por *tá* – estar.
batí—estrellas: *ba* luzir, luzeiro, *ti* de *tsí* alto.
sú por *tsú*, *tu tá*—fôgo, lenha, tocha, chamma.
dzô por *tsú*, *tu*, *tá*—luzir.
dzôdzô—reluzente.
pany—scintillar: *pá* por *ta* e *ny*, *niu*, *nîo*, fazer: fazer brilhar.
bae por *bá*, *tá* – subir, elevar-se; alto.
baeiwi—erguer-se: ir alguem alto.
baerú por *barú*—base.
tsã por *tã*, *ta* – duro, rijo.

Resalta dahi a existencia de uma raiz *tá*, *tak* que se alterou em *tú*, *sú*, *dzô*; *bá*, *dá*, *pá*, *tsá*.

Essas alterações de sons são perfeitamente

explicaveis. Quem lida com linguas americanas nota immediatamente a mobilidade phonetica de certos elementos.

O *a* e o *u* substituem-se algumas vezes dentro dos grupos conhecidos: *aruá, aruá; maracujá, maracuyá,* no tupí (1); *cá, cú* (carregar), *fá, fú* (anus) no Kaingang (2); *panari panuré* (orelha), *paniké, panigo* (porco do matto), *putar, putu* (pé), *a.me, a.mo* (pai), *ara, aru* (borda, lado) no Karib (3).

Nas linguas da familia *Tchapakura*, temos: *tako, toko* (ventre); *uli, uli* (folha); *suente, tchakatche* (didelphe) (4).

Mesmo nas linguas arianas vemos: *pla, plav, plab* (ir) *rucma* (ouro) e *rug.an.tù* (prata) no Sanscrito, etc.

As permutas entre *l, d, b*, como entre *d dz; l, ts, s*, não offerecem duvidas. Mostrá-lo seria alongar demasiado este artigo.

Faremos depois, exaustivamente, o estudo dessas transformações phoneticas.

No tupí, podemos examinar os vocabulos seguintes:

ta.uá barro, terra, solo.

ta.ma, tába, táua — pousar, morar; sitio, lugar, patria, aldeia.

ta.nga — aventaL; o que cobre; desenvolvimento evidente da idéa de firmar, pousar, estar, cobrir.

ta.mba — concha: o que abriga, cobre ou protege.

ta.kape — clava de guerra; arma, o que mata

sá por *tá* luz.

sesá — olhos: minha luz.

(1) Tastevin.
(2) Val Floriana.
(3) L. Adam.
(4) Créqut-Montfort et Rivet.

sa.pek—fôgo: o que illumina.
tata pora -(catapora) molestia conhecida.
ibak ou *iwak*– ceu, alto.
tupak—deus.
A raiz *tá* alterada em *tú* está ahi claramente.
Achamos novamente a raiz *tá* com a mesma significação vista, na lista das palavras *Kariris*.
As alterações phonicas são menos importantes:
ta deu *tu*, *há* e *sá*.
No Kaingang encontramos:
na—estar, ser, em (preposição).
ta—lugar, pousada.
pá, *pã*—pedra, amarrar; cortar
tára, *túra*, *túro*—duro, rijo, firme.
tak –pedra.
ta.in – percutir, matar; ferir.
gá—terra, chão, lugar.
tánê—faisca; relampago, raio.
pã - cobra (o que mata).
nhá, *nhat*—dente (o que corta).
rã, *arã* - sol.
ta rêrê - trovão.
topê—deus.
Vê-se que a raiz *tá* se encontra em todos estes vocabulos, ora sob a sua fórma mais antiga, ora alterada em *pá*, *ná gá*, *ra*, *tó*, mas com a mesma significação que apresenta nas linguas Karirí e tupí.
No Ketchua, por acaso, apanhamos:
niná—fôgo; brilhar; percutir.
a.ná—alto.
tupak—resplandecer.
tati—parar.
taha—bater.
takta—fixar.
naka – matar.

takani—martelar.
tapa—ninho.
nãnã—rijo, duro; metal.
pãpã—bater, batido, planicie.
aknã—ceremonias religiosas.
kakata—cobrir.
tupani—esmagar, raspar, limar.
tá—unir, soccar, encalcar.
tapa—esplendor; brilho.
paná—mão.
huatá—ligar.
taklla—charrúa.
pat.pá—aza (o que bate continuado).
paca—tempo.
papaca—a terra.
taykú—apoiar-se sobre.
saya—esperar, ficar no lugar.
sã—fôgo.
suyani—ficar deitado.
sake—estar ou ser na terra.
saksá—deter-se.
No Aimará:
thurí—firme.
laka—terra.
takú—certa especie de terra.
kala—pedra.
tapa—ninho.
niná—luz.
nayra—olhos.

Resalta a raiz *tá*, modificada algumas vezes em *ná, pá, sá, lá, tú* e *sú*, transformações perfeitamente de accordo com a indole das linguas referidas.

No grupo *karib* que é muito heterophonico encontramos:

enu, anu, einú—olho.
ene, enai, iné—ver.
e tá, i.tá, i.dá—estender.
au.té—casa.

na-tá, natô—fôgo.
polú, poto—accender.
merú, morú—trovão.
nono, nûk—terra.
nuna, nuuu—lua.
pata, bata—lugar, paiz, casa, aldeia.
cici, titi—sol.
topo, topu, tobú, tuxu—pedra.
ukú—queimar.

A raiz *tá* vem então transfigurada em: *nu, ne, na; da, lé, tú, li, bi* e *to*.

Segundo L. Adam, são frequentes as permutas das letras: *l, d; p, b, m, n*.

Temos o direito de nos servimos de uma analogia interessante.

Nas linguas indo-européas, há a raiz primitiva *dah*, pedra, provavelmente onomatopaica porque a esse som se semelha ordinariamente o que resulta do choque de dois fragmentos de rocha rija. Mas, entre *dah* e *tah* os barbaros ouvidos dos primitivos pouco tinham que distinguir.

No sanscrito e nas linguas indo européas vamos encontrar duas correntes de accepções derivadas da raiz *dah* (pedra). Uma, provém das propriedades physicas do material e das funcções que os selvagens lhe deram: dureza, instrumento industrial e armas; outra, do effeito luminoso consequente do embate violento: faiscar, luzir, scintillar. A primeira produziu numerosas palavras significando: dureza, sitio ou estação, armas, ferramenta ou dando a idéa de percutir, bater, achatar, estender, chão, planicie e matar; a segunda, originou termos representativos das idéas de brilhar, luzir, queimar ou de fôgo, astro, ceu, dia, ver, olho, etc.

Parece, como observa o mallogrado Dr. Moreira e Silva, que cousa semelhante occorreu por

cá; a não ser que a nossa raiz *tah, ta* seja a mesma *dah, dá* importada do velho mundo com os primeiros povoadores do continente americano.

O facto inconteste é que a raiz *tah, tá* se encontra na maioria das linguas americanas, com significação semelhante á de *dah* ou *dá* e suas accepções.

Nos grupos linguisticos de que nos temos servido, a existencia desta raiz mostra-se evidentissima deante dos limitados trechos transcriptos de seus lexicos respectivos.

Não se poderia suppor uma simples coincidencia deante dos factos apontados: elles excedem os limites a que se circumscreve o acaso.

Ha no Karirí numerosas expressões como as da relação abaixo:

ha, a—gente, ser humano.

sá, por *tsa, ha* nascer.

sá—gordura; o que cresce ou augmenta.

tsa.ho por *haha*—parente directo ou consanguineo: nascido do primeiro tronco ou geração.

tsa.my por *hamy*—parente collateral: nascer de lado.

sa.ibó—axilla: origem do braço.

tsó.hó por *haha* homem: ser ou ente por excellencia (reduplicação).

tsá.mbú—cabeça: vaso ou continente da vida.

re.tsé por *hetsê* — matto, floresta: vegetação muita.

he.barú—fuste, caule, tronco de arvore; base ou calcanhar do vegetal.

he.na ndzi—cavaco de madeira.

he— cousas feitas de madeira, de pau, de vegetal.

Distingue-se nestes termos a raiz *ha*, modificada em *tsá, sá; he, rê, hô, tsô.*

Nada tem de extraordinario a troca do *h* (aspiração forte) pela affricada surda *ts* e desta pela sua homorganica *s*, bem como do *h* pela liquida sonora *r*.

No Tupí, esta mesma raiz se mostra ainda com mais constancia, porém ordinariamente affectando a fórma *ka*.

ha—fructo, excrecencia, elevação, bola; cabeça: o que cresce, vive ou avulta.

ha.a, de *haha*—monte, elevação por excellencia (duplicação).

ka.a—vegetação; o que cresce continuadamente (reduplicação).

kakawa—crescido, desenvolvido.

kaka.awa—crescer, medrar, criar-se.

ka.ma—peito, mãma, ubere: criar ou fazer ente; o que desenvolve ou nutre ente.

kawa—gordura; o que cresce ou augmenta.

No *ketchua* a raiz primitiva *ha* ou *ka* se evidencía em numerosas palavras dentre as quaes compusemos a limitada relação:

hatcha—vegetal arvore.

hatchahatcha—floresta (duplicação).

kaka—rochedo.

hana—aparecer, mostrar-se; vistoso.

kamamã—nascer muito ou abundantemente, abrolhar das sementes e arvores; ondear.

hua—individualidade: ser, ente, existente.

tchurí—filho.

tchakra—chacara (onde se planta e se faz nascer e crescer vegetaes).

karã—chefe.

huahua—geração; criança.

kakallu—industrioso; o que sabe crear ou produzir.

kach—produzir.

kachini—produzir, engendrar.

kamani—geração; universo.
kakamani—crear, procrear.
huachay—parir; ser ou ente chegar.
kam—produzir: fazer ser.
hu—progressão, marcha, origem.
hun—accumulação.
sak, sa—individualidade, ente, ramo ou galho.

As modificações observadas são perfeitamente explicaveis: *ha* deu *ka*, *hu* e *sá*. *Ka* resulta de *ha*, conforme se sabe, em virtude de uma evolução natural. A affricada *teh*=*teh* bem como *s* provém de *h* como se observa facilmente estudando as mutações phoneticas deste idioma.

A cada momento escreve-se *hatcha* e *satcha* (arvore) nas composições *ketchuas*. Por outro lado, temos: *tanta* (pão, pasta de farinha) e *sanku* pasta de milho, que tambem se grapha *chanku*, *sanku*.

No Aimará, esta mesma raiz, desempenhando as mesmas funcções semanticas, se apresenta com as fórmas primitivas *ha*, *ka* e *tchá*:

ka.ana—montão de pedras.
ka.mata criar.
ka.miri—criador.
haká.ta—viver.
hakaña—a vida, o viver.
hak—avultado, copioso, quantidade.
hake—gente; o que nasce, vive e cresce.
tchatcha—homem; ente por excellencia (reduplicação).

Nas linguas da familia *ge* ou *kren* que parecem ser das mais primitivas, temos:

No *Aimoré*:
tchotcho, coõ—vegetal.
tchoõ.hat—canôa (casca de pau).

No *Kaingang*:
kakutê—nascer, apparecer, elevar-se.
kakã—vegetação, matto.
kapê—galho, ramo: braço de vegetal.
kaxim—arbusto.

k.rã de *karã* — plantar, criar.
ka — arvores, pau; mosca (o que enxameia).
ga de *ka* — terra, chão.
a.ga por *haka* — gente, ser humano; ente por excellencia.
kakanê — fructa: o que nasce da arvore.
kam — principio, começo, origem.
já, jã por *ha, hã* — mãi; origem.

A simples inspecção desta lista explica a permuta de *h* por *j*: *hã=jã* (origem principio) e do *k* em *g*, abrandamento natural.

Já vimos que no *ketchua h* póde dar *tcha*; aqui, vê-se que póde dar tambem *tcho*.

Nos dialectos do grupo *karib*, achamos:
huêhuê, yêyê, rerê, jêjê — arvore, vegetal (reduplicação).
epe, ebe — fructo.
wuana, uana — erva.
huarazo, waraio, aratua — homem.
huaria, uaria — anta.
huariche, uoli — mulher.
chane, zane, yane — mãi.

Estão perfeitamente verificadas as permutas: *ch, z, y, h*; *hu, w, u, j, r, h*; *p, b, hu* (1).

Isto basta para reduzir á forma *ha* os aspectos *huê, yê, jê, pê, bê, wa, ua, cha, za, ya* com que uma mesma raiz, significando nascer, crescer, viver, ente, ser, se apresenta nas palavras da relação supra.

A raiz *ha* ou *ka*, poderia ser posta em evidencia em muitas outras linguas americanas, com a maior facilidade, significando sempre a mesma cousa: nascer, crescer, viver; ente, ser, vivente

Verificamos que as raizes *tah, ta* (pedra, etc.) *ha* ou *ka* (ser, ente; nascer, viver, avultar) são communs ás linguas *Karirí, Tupí, Ketchua, Aimará, Aimoré, Kaingang* e *Karib* (grupo).

(1) L. Adam.

Si tanto não basta para demonstrar a existencia das affinidades daquelle primeiro idioma com outros da America do Sul, podemos ainda recorrer a uma raiz que facilmente póde ser descoberta em todas as linguas apontadas aqui.

Trata-se da raiz *kú*.

No Karirí:

buikú—flexa; corpo veloz.

kaiu.kú—lua; individuo ou corpo da noite.

k'ró por *kuró*, *kurú*—pedra, seixo

muikú por *muikupí*—farinha de mandioca ou de raiz: *muìi* raiz; *kupí* corpo fino ou pequeno, moido.

tú por *ku*—grosso, robusto; redondo, fructa.

datú por *dzatú*—cousa pisada: *dzá* dente, faca, cortar, dividir e *tu* por *kú* corpo, substancia.

. . . . . .

No Tupí:

kúa—cintura: metade do corpo.

kupê—costas: o chato do corpo.

kupî—pernas: base do corpo.

ku.i—farinha: corpo ou substancia fina.

w.açú—veado: corpo grande.

w.awa—comida, alimento: o que se come, alimenta ou faz corpo.

w.ara—comedor, o que come.

w.asining—guachinin: individuo rosnador.

w.apé—aguapé: individuo, cousa, substancia chata.

w.ananã—«anas moschata»: corpo muito manchado.

w.aó—corpo alterado, podre ou rançoso.

w.apitã—certa palmeira: corpo de pelle dura.

w.ati—cuati; corpo ou individuo de cabeça em ponta.

sú, do *hukú*—carne; alimento por excellencia.

ky por *kuí*—brotar: corpo nascer.

No Ketchua:
kuãkuna—porco: individuo mordedor.
kukú—crescido, encorpado.
ku.ú—corpo
akarasú por *acarakú*—corpo casculo.
uspù por *skupû*—ventre: centro do corpo.
cu—carne
kurú por *kurùpu*—caramujo: corpo dobrado ou enrolado.

. . . . . .

No Aimará:
koko—matalotagem.
kurutha—comer.
kufu—vinho.

. . . . . .

No Karib:
y.acurú, s.agú, cy.gu—comer.

. . . . . .

No Aimoré:
kuung—vivente: corpo com alma.
kõtjak—costas: plano do corpo.
ku.ãin—morrer: corpo sem alma.
cuk—carne.
cõkã por *kuãkã*—indumentaria, pelle.
gu.arã—arára: corpo vermelho.

. . . . . .

No Kaingang:
ko por *ku*—comer.
fui, fu—levantar.
loro, luro cabeça: corpo redondo.

. . . . . .

Resalta dessa lista a raiz *ku* ou *gú* ou *u*, algumas vezes modificada em *cu, sú* significando: corpo, ingerir, comer; individuo, carne, carnudo, alimento, e por extensão da idéa: eminencia, distancia Parece desnecessario explicar as transfor-

mações phoneticas em face do que já temos anteriormente visto.

A raiz *pï, uï, wi*, significando ir, andar, seguir, etc., caminho, pé, pisar, etc., parece commum aos grupos karirí, tupí, ketchua e ge.

No Carirí achamos:

by—correr; pé.
wy, by—ir, seguir, andar.
dadauri—andar de eocoras; chão andar.
bypro—cair.
bydiró—logo.
bypi—ser levado: estar indo.
bydzú—rever, infiltrar: ir agua.
byró—ir em volta.
byté tornar, voltar.
dzu.wi—ir-se embora
eri.wi—visitar.
sewi—transbordar: ir além.
ty—descer.
pebauri—rastejar: ir sobre pé.
wôghby—transviar-se.

No Tupí:

watá—ir, caminhar.
jauau fugir.
pypora—pista.
su, ndu—ir.
tyryka, syryka—afastar-se.
upira—levar.
api—lançar, jogar (fora).
pykúy—remar, vogar.
apymy—ir ao fundo, mergulhar.
apecatú—andar muito; caminho longe.
pe, apé—caminho.
pepo aza, pluma.
py—pé.
piriri—ligeiro, veloz, corredor.

No Ketchua:

ri, purí—ir.
katini—seguir, caminhar.

is—escoamento.
pi – projecção.
No Karib:
arimu, arina – correr.
epi, ewi—vir.
ute, yte, ite, itá. isá—ir.
No Kaingang:
tin—ir.
uaí—correr.
peíu—fugir.
pe, apé—pé.
kãtin—vir.
No Aimoré
ni—vir.
porok –correr.
pó – pé.
empok –peixe: o que anda nàgua.
porog—caminho.
aporõ—andar muito.

No Karirí como no Tupí e no Karib o *u* e *b* permutam frequentemente. Dahi *ury*=*by*. No Tupí, algumas vezes o *u* ou o *i* provêm da vogal especial *y* ou *yg*; demais, sabe-se que o determinativo *i* se transforma em *u* ou *w* antes de *a*. No Karib, permutam *p, w; l, d, s; e, i*. No Kaingang e Aimoré permutam *e, i* e *o, u*.

Não seria difficil apanhar mais quatro ou cinco outras raizes, communs aos idiomas aqui considerados, estudar as mutações e surpreender as suas mais vetustas fórmas.

Mas, este pequeno numero de raizes communs ao *Karirí, Tupí, Ketchua, Aimará, Karib* e *Ge*, apenas mostra que taes idiomas são affins, isto é, parentes ou, por outra, que provêm de uma fonte unica, mais ou menos remota deste ou daquelle. Não basta, porém, para fazer incluir o *Karirí* numa qualquer das familias apontadas. Para tanto seria preciso descobrir uma multiplicidade de radi-

caes communs, o que ainda se não conseguiu e talvez se não chegue a obter.

Continúa, pois, o *Karirí* com os seus dialectos conhecidos (kippéa e *dzubukúa*) e alguns outros que se extinguiram sem nos deixarem outras indicações mais importantes do que os termos geographicos que pontilham os sertões áridos ou semi-áridos da Bahia, Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Ceará e Piauhy a constituir uma familia isolada.

O estudo destes dialectos extinctos, cujas reliquias a toponimia nordestina nos offerece, mais ou menos escassa, alterada pela influencia da lingua geral e principalmente do portuguez, é assás ingrato.

Th. Pompeu Sobrinho.